

A DANÇA DAS ESPÉCIES: POLÍTICAS DE VIDA E MORTE NAS RUÍNAS DO ANTROPOCENO

DANCING SPECIES: POLITICS OF DEATH AND LIFE IN THE ANTHROPOCENE

*João Gabriel Resende Bruno

**Pedro Cruz Marchese

Recebido em: 20/04/2021

Aceito em: 17/06/2021

Resumo

Anna Tsing tem se mostrado como uma das maiores referências dos dias atuais no âmbito da Ecologia política na antropologia. Seus estudos permitiram profundas discussões sobre relações multiespécies, pós-humanismo e o Antropoceno. A partir de suas pesquisas com regimes de coleta de cogumelos Matsutake, a autora teceu uma importante desestabilização dos pressupostos clássicos da ontologia e da epistemologia moderna, através da sua crítica ao modelo de plantation e da escalabilidade dos projetos capitalistas. “Viver nas ruínas: paisagens multiespécies no Antropoceno” é um tesouro de reflexões relacionadas às possibilidades de se construir e enxergar vida e diálogos multiespecíficos no interstício do Antropoceno.

PALAVRAS-CHAVE: Pós-Humanismo, Fungos, Matsutake, Plantation

Abstract

Anna Tsing has proved to be currently one of the greatest references in the field of political ecology in anthropology. Her studies are engaged with deep discussions about multispecies relations, post-humanism and the Anthropocene. From her research with the Matsutake mushroom, the author weaves an important destabilization of the classic assumptions of ontology and modern epistemology, through her critical thinking of the plantation model and the scalability of capitalist projects. “Living in ruins: multispecies landscapes in the Anthropocene” is a treasure of reflections related to the possibilities of building and finding life and multispecific dialogues in the Anthropocene interstice.

KEY WORDS: Post-Humanism, Fungi, Matsutake, Plantation

Referência: TSING, Anna. Viver nas ruínas: paisagens multiespécies no Antropoceno. Brasília: IEB Mil Folhas, 2019.

Viver nas ruínas: paisagens multiespécies no Antropoceno é um compilado de textos da autora produzidos na década de 2010 e consiste na primeira obra da antropóloga estadunidense a ser traduzida para o

português. Ao longo desta reunião de ensaios, Anna Tsing percorre temas clássicos da disciplina, tais como a noção de pessoa, metodologia antropológica, natureza/cultura e prática científica, oferecendo um respiro contemporâneo

na sua abordagem ao dialogar com reflexões advindas do debate feminista, da ecologia política e da crítica ao capitalismo. É impossível circular pelo imaginário social sem se deparar com o sentimento apocalíptico alimentado pelo (des)governo aniquilador de formas de vida e modos de existência que não intensifiquem a acumulação de capital. No entanto, é nos espaços devastados desse mundo, nas ruínas, que Anna Lowenhaupt Tsing elabora suas reflexões presentes neste livro.

Na nossa visão, uma leitura dessa obra que se inicie pelo sétimo capítulo Sobre a não escalabilidade: o mundo vivo não é submisso a escalas de precisão aninhadas é interessante para adentrarmos no argumento da autora e na sua posição crítica. A escala é uma representação capaz de conservar o modelo - a relação matemática entre imagem e objeto. Tsing se apropria desse conceito para discorrer sobre a expansão dos projetos capitalistas pelo mundo, a partir da lógica da replicabilidade, o que se convencionou a chamar por progresso, como observado nos grandes projetos latifundiários, por exemplo. A fim de garantir ganhos crescentes e acelerados, esses projetos estão sempre à procura de formas de expansão, mas mantendo o nível de segurança e controle para o capital. Essa característica, que permite ao projeto capitalista expandir sua zona de atuação, de modo a assegurar o domínio de territórios nas mais diversas condições, é o que a autora chama de escalabilidade. Desse modo, a escalabilidade busca eliminar a diversidade biológica e cultural, pois os efeitos de transformação inerentes às relações pautadas pela diferença são incalculáveis e, portanto, afetam negativamente o planejamento contábil do investimento e o controle exercido pelo capital sobre as populações

humanas e não-humanas.

No entanto, Tsing afirma que o aumento da escala nos projetos capitalistas nunca se completa enquanto processos bem-sucedidos, pois sempre há um resto, um respiro, uma organização de resistência a qual a autora se debruça. Portanto, fornece uma análise contundente das práticas capitalistas na busca pelo controle, que necessita do extermínio da diversidade, mas também das estratégias de resistência traçadas por humanos e não-humanos.

Uma bela ilustração dessas ilhas de resistência é desenhada a partir de um atento acompanhamento dos fluxos de vida inter-relacionais que perpassam o mundo do cogumelo matsutake. Tsing constrói uma proposição de avivamento de paisagem, dentro de relações multiespécies, como uma categoria analítica potente para se pensar sociabilidades mais que humanas resistindo aos projetos de escalabilidade. Pensar os imbricamentos entre cogumelos e outros seres na constituição de teias ecológicas dinâmicas, moventes e simbióticas, retira, da paisagem, o seu status moderno de matéria inerte, passiva, radicalmente separada do sujeito humano. Nesse aspecto, o humano se inscreve dentro de linhas de vida multiespécies dançantes (TSING, 2019, p. 27), no qual figuram subjetividades mais que humanas trabalhando de forma mútua e profundamente relacional para produzir habitabilidades, isto é, condições de emergência da vida.

Quando o próprio humano é, ele mesmo, mais que humano, pode uma potente forma de se repensar um projeto de liberdade e de crítica capitalista emanar dessa assertiva? Viver nas ruínas do capitalismo coloca a necessidade de se posicionar a sua subversão, inclusive, no sentido de se pensá-la como um empreendimento ou

pacto, invariavelmente, multiespecífico e não como um projeto de libertação humana de maneira restrita.

Esse movimento, ao nosso ver, faz com que Tsing incorra em uma perspectiva de produção crítica ao capitalismo que, ainda que beba de legados da teoria marxista (TSING, 2009), afasta-se desta de uma maneira angular (TSING, 2019, p. 187), uma vez que é a própria episteme do pensamento moderno que se vê sendo questionada.

A produção, dentro da teoria marxista, ocupa um lugar de destaque, na medida em que é mobilizada a partir da chave analítica do conceito de “trabalho” como uma singularidade humana, segundo a qual os modos de trabalho dos seres humanos se diferem, essencialmente, daqueles dos animais não-humanos. Humanos possuem História, já outros seres vivos podem ter, no máximo, uma história. A produção, nesse sentido, pode ser vista a partir da clássica matriz divisória dentro do pensamento Ocidental que é a separação entre mente e matéria. Essa noção de matéria que se pressupõe nas nossas concepções clássicas de materialidade em muito são herdeiras do pensamento cartesiano, que elabora a matéria como uma substância uniforme, estática e inerte, o que, por sua vez, fundamentou as bases da ciência moderna: a natureza seria quantificável e mensurável, assim como constituída por leis mecânicas, passíveis de serem reveladas a partir da física newtoniana e da geometria euclidiana. Vale dizer que a própria teoria marxista é, ela mesma, influenciada pelo desenvolvimento de um tipo de ciência, produzida no século XIX, alimentada pelas dicotomias epistemológicas modernas (sujeito e objeto, mente e matéria, natureza e cultura, etc.) que embasam engajamentos específicos

com o mundo material. Dentro desse paradigma, a matéria aparece como destituída de agência e vitalidade, sendo meramente uniforme, mecanicista e inerte, em contraposição à agência humana.

Entretanto, uma nova perspectiva em torno da matéria e da materialidade vem ganhando traçãonos olhares antropológicos (BENETT, 2010; COOLE, D., & FROST, S, 2010), como uma influência dos recentes estudos de antropologia da ciência (LATOURE, 1994; LATOUR, 2000), dos estudos queer (BUTLER, 1993; PRECIADO, 2014; PRECIADO, 2018), feministas (FOX-KELLER, 2006; SCHIEBINGER; 2001) e críticas decoloniais (ANI, 1994; BALLESTRIN, 2013; LUGONES, 2014). Tem também se dado pela ressonância de discursos de corpos que, estando localizados dentro das ruínas coloniais do capitalismo, têm tecido resistências ao projeto necropolítico colonial. Esse movimento contemporâneo reposiciona a reflexão em torno da crítica ao capitalismo, na medida em que multiplica as vozes que compõem esse processo, que inclui agentes humanos múltiplos e não humanos, também diversos, como o matsutake. Há uma nova forma, portanto, de se pensar tal problemática e, portanto, de se pensar soluções onde novas alianças são propostas.

De um lugar distinto da crítica decolonial, Tsing constrói também, na obra em questão, uma desestabilização da ontologia e da epistemologia moderna, muito inspirada nessas teorias. Esse processo pode ser observado, não apenas no seu movimento de se pensar socialidades fúngicas e vegetais, suas histórias e também a vivacidade do material, mas também dentro do âmbito de uma abordagem feminista ao Antropoceno que a autora engendra, tendo como foco a paisagem da plantation.

Na perspectiva da autora, o Antropoceno não seria caracterizado por ser uma época definida pela existência de perturbações humanas em si, mas pela multiplicação de fluxos de quebra nas coordenações que compõem paisagens multiespécies. Nesse aspecto, o contexto de ruína capitalista figura-se como um conjunto de paisagens no qual vários atores humanos e não-humanos são considerados. A autora, portanto, não opera com uma noção de Natureza como uma matéria inerte, intocada e reduzida dentro de uma narrativa que responde seus efeitos à ação humana unicamente, mas a restitui a um fluxo composto por diversos atores que agem no sentido de produzir paisagens históricas e não estáticas.

Contudo, qual seria, portanto, o aspecto singular colocado pelo Antropoceno? Para se pensar essa questão, Tsing aciona as paisagens das plantations. A plantation é a metáfora a qual a autora recorre para substancializar a escalabilidade. Estratégia adotada pelos colonizadores portugueses para a economia açucareira no território de Pindorama e mais tarde replicada por outras colônias mundo afora, a plantation caracteriza-se pelo latifúndio voltado para monocultura de uma espécie estrangeira e geneticamente replicada e pelo uso do trabalho de pessoas traficadas e escravizadas. Essa introdução de corpos humanos e não-humanos, selecionados especificamente para impedir o aparecimento de sociabilidades, criou paisagens “não-sociais, padronizadas e segregadas que mostraram como a escalabilidade poderia funcionar para gerar lucro (e progresso).” (TSING, 2019, p. 182).

Localizada nas contradições de uma tecnologia colonial escalável e, portanto, de pretensão global e, todavia, aplicação local, as plantations podem ser

entendidas como uma política de proliferação da morte e eliminação da diversidade cultural e biológica no qual observa-se, no encontro colonial, a erupção do Homem. A longa tradição do cientificismo e do eurocentrismo deu origem a uma ideia de universalismo abstrato, isto é, um particularismo que se estabelece como hegemônico, na medida em que se pretende como destituído de um corpo que o produz, assim como de uma espaço-temporalidade que o constitui, colocando-o no âmbito de uma essência transcendental. Assim figura a noção de Homem almejada pelo pensamento Iluminista: pensada como universal a todos os seres humanos, ao mesmo tempo em que profundamente demarcada a partir de um sujeito branco, europeu, masculino. O Homem como representação de si mesmo.

A plantation exprime, assim, os efeitos de um tipo de engajamento notadamente moderno com o mundo de confronto com a Natureza, entidade com a qual este sujeito “Homem” entra em conflito e busca dominar. A quebra das coordenações multiespécies a partir da produção de replicantes dentro das plantations coloca essa tecnologia moderna colonial como um dispositivo de proliferação da morte. Tsing busca defender tal tese ao mostrar como as plantations, na medida que objetivam atuar como máquinas replicantes de transformação de matérias-primas em mercadorias capitalistas, agem ativamente no sentido de produzir patogenicidade. Acrescentamos que essa dimensão necropolítica (MBEMBE, 2016) das plantations deve ser pensada tanto dentro de socialidades não-humanas, sob as quais a autora se debruça, quanto para as humanas, no qual as tecnologias coloniais escravistas de proliferação da morte são hoje reinventadas,

no contexto do Estado-nação contemporâneo, dentro de mecanismos institucionais e legais de violência policial e encarceramento em massa da população negra sob condições análogas à tortura.

Tsing usa dessa unidade básica do colonialismo humano como metáfora para as práticas violentas sobre a diversidade cultural e biológica no contexto da produção desaber, inscrevendo o que ela denomina de ciência da plantation. Essa seria uma referência à tradição do conhecimento voltado para desenvolver instrumentos de controle que, por sua vez, servem para otimizar os investimentos. Estamos às voltas com o “credo hegemônico e orientado para a extinção” (TSING, 2019, p. 59).

Viver nas ruínas parece uma tarefa praticamente impossível, por causa do apetite insaciável do Antropoceno, eliminando a diversidade, a vida que escapa aos cálculos de lucro e o amor que flui entre os diferentes seres vivos e não-vivos. No entanto, Viver nas ruínas de Anna Tsing serve para iluminar o caminho, revelando ao público interessado que é possível desenvolver estratégias de criação e de amor, mesmo que nos interstícios dos desejos caprichosos do Capital. Tanto é possível que outros seres, como o cogumelo matsutake e sua ecologia política, estão desafiando as práticas de plantation. Resta saber como escutá-los, como entender suas mensagens, para transformar nossas práticas, de antropologia e de vida.

Notas

*Graduando em Ciências Sociais na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

E-mail: jgrbruno@gmail.com.

**Graduando em Ciências Sociais na Universidade

Federal de Minas Gerais (UFMG).

E-mail: pedrocmarchese@outlook.com.

Referências

ANI, Marimba. Yurugu - **Uma crítica africano-centrada do pensamento e comportamento cultural Europeu**. Trenton, Africa Word Press, 1994.

BALLESTRIN, Luciana. **América Latina e o giro decolonial**. Rev. Bras. Ciênc. Polít., Brasília, n. 11, p. 89-117, Aug. 2013.

BANDEIRA, Lourdes. **A contribuição da crítica feminista à ciência**. Revista de Estudos Feministas, pp. 207-228, 2008.

BENNETT, Jane. **Vibrant matter: A political ecology of things**. Duke University Press, Durham, NC, 2010.

BERNARDINO-COSTA, Joaze. **Decolonialidade, Atlântico Negro e intelectuais negros brasileiros: em busca de um diálogo horizontal**. Sociedade e Estado, v. 33, n. 01, p. 119-137, 30 abr. 2018.

BUTLER, Judith. **Bodies that matter. On the discursive limits of “sex”**. New York: Routledge, 1993.

COOLE, Diana & FROST, Samantha. **New materialisms: Ontology, agency, and politics**. Duke University Press, 2010

DELEUZE, Gilles. **Diferença e repetição**. Trad. Luiz Orlandi e Roberto Machado. 3ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 2006.

HARAWAY, Donna J “**Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX**”. 2000 In: SILVA, Tomaz T. (Org.). Antropologia do ciborgue: As vertigens do pós-humano. Belo Horizonte: Autêntica.

HARAWAY, Donna. **Antropoceno, Capitaloceno, Plantacionoceno, Chthuluceno: gerando relaciones de parentesco**. Revista Latinoamericana de Estudios Criticos Animales. Buenos Aires. Vol. I. ano III. 2016.

INGOLD, Tim. **Estar vivo: ensaios sobre movimento**,

conhecimento e descrição. São Paulo: Vozes, 2015.

KELLER, Evelyn Fox. **Qual foi o impacto do feminismo na ciência?** Cad. Pagu, Campinas, n. 27, p. 13-34, Dec. 2006.

LATOUR, Bruno. *Jamais fomos modernos: ensaio de antropologia simétrica.* Tradução de Carlos Irineu da Costa. 1. Ed. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1994.

LATOUR, Bruno. **Ciência em ação: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora** São Paulo, UNESP, 2000.

LUGONES, Maria. **Rumo a um feminismo decolonial.** Revista de Estudos Feministas, v. 22, n. 3, p. 935-952, 2014.

MBEMBE, Achille. *Necropolítica.* Artes & Ensaios, v. 32, 2016.

PRECIADO, Paul. **Manifesto Contrassexual. Políticas subversivas de identidade sexual.** São Paulo: n-1 edições, 2014.

PRECIADO, Paul. **Testo Junkie: Sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica.** São Paulo: N-1, 2018.

SCHIEBINGER, Londa. **O feminismo mudou a ciência?** Bauru-SP, EDUSC, 2001

STRATHERN, Marilyn. **O efeito etnográfico.** São Paulo: Cosac Naify, 2014

TSING, Anna. **Supply Chains and the Human Condition, Rethinking Marxism: A Journal of Economics, Culture & Society**, 21:2, 148-176, 2009.